

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

BARCELLOS HA 50 ANNOS

XI

Foi sempre no segundo domingo da quaresma, dia em que coincide a publicação d'este numero da «Lagrima», que aqui em Barcellos se celebrava a imponente e piedosa procissão dos—Passos—.

Devia eu hoje, portanto, contar aos leitores d'este pequeno jornal o que, ha cincoenta annos, era aqui a procissão dos—Passos—.

Afanço-lhes que se, porventura, fosse possível exhibir-se em publico aquelle cortejo religioso, hoje em dia, tal qual elle o era então, nao faltariam girandolas de gargalhadas a transtornar por completo o sentimento mystico, que tal procissão representa, e o sentimento piedoso, que ella deve inspirar. Mas, mudam os tempos, mudam os ventos, o prostito religioso é celebrado modernamente com muito mais aparato, com muito mais respeito pelas coisas santas, mas com muitissimo menos recato e menos devoção da parte dos fieis. Isto é tristemente verdade, o que, com magoa, podemos attestar.

Que dias os dos nossos—Passos—ha cincoenta annos!! Como já se sumiram, nas sombras da morte, todas essas pleiadas de mezarios, armadores, mordomos, até a propria Imagem do Christo crucificado, e dos dous ladrões, que lhe ficavam aos lados um d'elles com a lingua de fora...!

Não fallamos n'isto. Agora me lembro, que, este anno, até a propria procissão desapareceu....

Vamos a coisa, que tenha graça. Quando houver procissão, que será para o anno, se nós lá chegarmos, fallaremos nas antigas, de ha 50 annos.

Houve aqui em Barcellos uma parteira do nome Victoria Carcereira, que foi substituida no seu mister pela não menos celebre Josefa Costa, de Arcuzello, que tinha um apellido destoante, por andar de... carrinho...

A Victoria Carcereira, que já não logrei conhecer pessoalmente, sem saber mesmo se foi ella a que primeiro me apertou as fuchas de creança, tinha a melhor e mais fina clientella da villa.

Fazia celebrar, todos os annos, uma festa a S. Caetano, cuja imagem se venera na igreja da Ordem Terceira, que, como a nossa procissão de Passos, está a... cala-te penna!

Victoria Carcereira cobrava, pelas suas freguezas, que eram pessoas abastadas, a quota para a festa a S. Caetano, que tinha como advogado das mulheres parturientes; e enquanto ella procurava, com esta sua devoção, alliviar o ventre maternal das suas clientes, fazia, ao mesmo tempo, com que o seu ventre, d'ella, se alargasse mais um pouco intestinalmente.

Houve um anno, em que os casos de partos difficis se pluralisaram n'osta villa apoderando-se de todas as senhoras grávidas um panico terrivel. Não foi preciso, que as pacientes recommendassem á parteira, que se apogasse com S. Caetano; ella teve esse cuidado, e com tanta devoção o fizera, que não houve casos fataes.

Victoria fez annunciar uma festa extraordinaria, deslumbrante, desuzada, solennissima, a S. Caetano; e, para isso, cobrou, pelas suas freguezas, esmolmas muito mais avultadas, porque nem para menos era o caso.

Chegados, que foram, os dias da festa, que Victoria preconisava extraordinaria, porque extraordinarios tinham sido os negocios conclusos ao seu patrono, viu-se, que, apenas na vespera, houve, a mais do que o costume, uns punhados de pinhas bravas a arder nas janelas da igreja, e sobre as pedras, que, então, circumdavam o adro.

O João Leite, de quem aqui já fallei no celebre improviso ás freiras, quando lhe prenderam o pae, consagrou á festa da Victoria a seguinte decima:

«Eu vi na Ordem Terceira
«Uma festa com grandeza;
«E vi muita pinha accesa,
«Fogo, fogueto e fogueira.
«É Victoria Carcereira
«Autora d'esta funcção;
«Ella tem muita razão
«Chamar todos ao engano
«Pois, na festa a S. Caetano,
«Não gastou meio tostão.»

ARCHEOLOGO.

Como sabe, que é bastante, e como pôde, que não é menos, desculpa-se o nosso collega da «Estrella do Minho»—que se publica em Falmalicão, terra fundada, segundo diz a historia, por um vendeiro—do justo reparo que lhe fizemos por ter publicado, sem que duas palavras

A LAGRIMA

amigas os acompanhassen, uns versos ineditos de A. Malheiro, que aqui sahiram á luz.

Estranhou, porém, que enviássemos, gratuitamente, a «Lagrima» para alguns cavalheiros d'aquella villa. Não rezeio, amigo, que a nossa empreza dê á *costa*...

...E terminamos com fazer votos para que a «Estrella» luza sempre no *Oriente* da boa praxe, e por agradecer as amabilidades que nos foram dirigidas.

MANOEL VIANNA



Fomos tristemente emocionados na segunda-feira 24 com a infausta noticia de ter fallecido em Taboa o nosso amigo Manuel Francisco de Souza Vianna, onde se achava de volta de Vernet-les-Bains.

Os ares purissimos da maravilhosa estancia dos Pyreneus orientaes não conseguiram doter um momento sequer a marcha pressurosa da tísica laryngea que o minava.

Em Taboa, rodeado de toda a familia que se reunira ali aguardando o doloroso transe, ainda o nosso infeliz patricio planeava um tratamento na Serra da Estrella com um apego á vida digno de melhores resultados.

Ali se finou o benemerito cidadão, orvalhado pelo pranto caricioso da sua extremosa mãe, desolada esposa e affetuosos irmãos.

Manoel Vianna pode ser encarado como politico e como cidadão barcellense:

Como politico foi sempre coherente, militando com o maior enthusiasmo no partido republicano; como cidadão barcellense desempenhou varios cargos n'esta villa com a maxima observancia e intelligencia.

Foi um curioso dramatico muito apreciavel, estando ainda na lembrança de muitos a excellente interpretação do custoso papel do «Sargento Mór de Villar».

O nosso querido amigo, na altitude de Vernet, horas antes de se retirar para a Patria, desanimado pelos progressos da doença, ergueu os olhos ao Ceu e pronunciou:

—*Que eu possa abraçar ainda os meus amigos!*

Conscio da sua ruina as suas expressões foram para as pessoas que lhe eram caras.

Paz ao seu espirito.

Um sapateiro, da rua da Estrada, que é esposo, pai e avô está agora na segunla meninice. Todos os dias encostado á porta da taberna

do Portella, largo José Novaes, dirige para a janella da prisão das mulheres onde se ostenta a Russa, olhares em que vai toba a sua alma e coração, acompalhados de mimica amorosa. E' d'uma pessoa apertar as mãos na barriga para não arrebentar as calças com o riso que provoca n'aquelles dois *pombinhos*, tão lamelas se mostram.

A Russa com um apaixonado pela prisão!

Quem vai ganhando com o na nora é ella que tem a *santa* melhorada com o seu copo de vinho e um bozido de presigo, e o Portella que vai vendendo aquellas cousas.

Sempre ha cada tolo!

NOTAS DA QUINZENA

A quinzena foi de carnaval. Carnaval tristeinho, com olheiras e caspa; com sono e aborrecimento. A municipal de Barcellos envelheceu, entregou a ridencialidade nos braços do sono catapletico.

Precisa de carne e ovos baratos para se confortar e produzir alguma coisa que não seja bunal, que não seja politra e reles. O espirito barcellense precisa de bifes com sangue, confortativos e restanra lores,

E' necessario que os novos d'esta villa demostrem que a vida se deve encarar por um bom prisma, como quer um pensador inglez. Mas não pelo la lo sceptico, nem com copos de vinho na mão, ou com a roleta diante, porque isso é antihetico com a boa Razão.

O Entral na nossa terra foi carranulo. Ha por cá mais fome que alegria. Os roubos por todos os pontos do conselho assim o dizem!... E de que vale a imprensa local trincar prosa arregañada a elamar por providencias... Lá vem depois *como paleativo* a cadeia para fermentar na cabeça dos miseraveis a ideia do prolongamento do mal.

Carnaval tem-o, como já em tempo o dissemos, desde que o homem selvagem cabiu *civillizado* entre collarinos estranheros.

Os ladrões, mascararam-se de honrados; os devassos, de castos.

Maia soe-la le bato hypocritamente no peito, quando devia batar muitas vezes com os costaloz n'uma enxovia.

De tolo o hólór e ranço o que se nos deparou n'esta povoação, durante a quinzena, mereceu-nos simplesmente reptro, como agraavel, a parolha aos bailes do Estralo, em caracter de revista do anno, escripta e ornada de mazica pelo sr. João Vallongo.

O nosso meio já ha bastantes annos que não proluz nada na litteratice. Salvo alguns artigos ou versos que são quaes ramalhotes que se olha para elles com agraço, com satisfacção, um dia ou uma semana.

A LAGRIMA



«D. Politica» e o «Mestre escola»

Com o trabalho do nosso amigo não se dá simplesmente isso, não espanta, mas satisfaz e ficará grava-lo por muito tempo como sensacional.

Fazer, em toda uma povoação, rebentar, assim como uma grana-la, o riso, no meio d'uma sem-saboria aterradora—«em franqueza luzitana»— como pintorescamente diz um nosso distincto advogado, é mais do que bastante para o applauso.

A revista do nosso amigo, com o typo do riso, tem *causivos* que fazem emular *costados*...

A párase malcreada, aviela-la, syphilitica, foi arruada pelo nosso patricio para dar logar á hygienada...

O espirito não se deve obter com acido sulphidrico.

Cumprimentanos o sr. Vallongo.

E' preciso fallar de alguns personagens da obra.



«O Regedor» e o «Quarenta maior»

David Caravana, o «Regedor», deu-nos um artistico papel; o Jullio Valongo, «D. Politica», e o Antonio Araujo, «D. Carnaval», encarnaram-se distinctamente nos seus papeis; o Monte do Carmo deu-nos bem um comico «Mestre escola»; o José Carvalho, um soberbo typo de *lavrador*; o José Terroso e José Vasconcellos, dois bellos

exemplares de artifices roneiros; o Lino Cruz, declamou correctamente o seu papel de *triste lyrico*; Miguel Lemos e Jayme Vallongo não desconcertaram da harmonia geral, etc.

Barcellos teve sempre a presumpção de ter de tudo o que ha nas outras terras. Deixemos as cousas mais antigas e vamos ás mais recentes. Ultimamente arranjou um expedicionario d' Africa, e agora um salvador da humanidade.

Já foi pedida uma medalha para o Zé da Grilla por ter salvo de ficar a uma noite fechado na Collegada o Zucharias, armador.

E que trabalho o homem teve para isto!

Para um tal acto de abnegação achamos pouco uma medalha, pelo menos meia duzia.

Nem só as palavras são como as cerejas, ha homens que tambem o são. Senão vejamos. O Trompa teve de ir visitar um amigo, que estava doente, em St.ª Eulalia. Para isso escolheu um dia desavagado, segunla feira, e porque realmente é semsaboria anlar só, sem pasto para o espirito convi-lou o melhor não podia aceitar, o Joaquim Carvalho. Este tambem achou que era grande estopada para elle só aturar o Trompa, e por sua vez convidou o Manuel Vellinho. Posta esta trindade em marcha para a estação para tomarem o comboio até S. Bento apparecem o Urbano que, informado do fim da passeiada, não teve difficuldades nem se fez rogado em se aggregar aos tres. Era de prever que o Pagão, homem franco e generoso, com uma adegã rasoavel de bom vinho, sem baga nem outras mixordias que, os tasqueiros aqui nos dão, aliás, pingem por bom prego desse a sua pinga. E assim foi. Beberam quanto quiseram, fazendo sautes e mais sautes á saute, do doente. Já noite e bastante *quentes* resolveram vir a pé, porque tinham excesso de calor e desafiavam o comboio a andar em grande velocidade. Em Fontello, o Carvalho, machina d'esto comboio, porque era o que trazia mais combustivel, descarrilou e rolando por sobre umas silvas foi espetar-se n'um charco, d'onle os companheiros o tiraram, Deus sabe com que custo. Queria talvez neutralisar o demasiado alcool, que sendo uma cousa tão leve faz tombar tantas cabeças. Porque será? Qual a origem d'este phenomeno? E' este ponto que o nosso João Cutilido vae estudar, e que em occasião opportuna a «Lagrima» publicará.

Arreliados a mais não poder ser com o que nos contam e temos ouvido referente á nossa «Lagrima», vamos, como um dos seus mais humildes collaboradores, protestar contra os que com menos justiça d'ella fallam e escrevem.

Mariolas existiram sempre, e d'ahi imaginam

Hoje, ás 8 1/2 horas da noite, espectáculo no theatro dos Bombeiros Voluntarios com a comedia «Um capricho feminino», a zarzuela «Ninha Pancha» e a opereta «Querem ser artistas».

Preços—200 e 300 reis.

A LAGRIMA

que, cá por gente da redacção ser alegre e dar, de quando em quando, certas *bólas*, está aqui de braços abertos para defender todas as *quichotices* de qualquer typorio que queira vingar-se d'este ou d'aquelle. Não, senhores, enganam-se.

Estava a «Lagrima» bem servida se fosse dar ouvidos e occupar-se do que por ali va! Morria com certeza. Pois se o canero é tamanho—e sem cura. Se é certo que a rir se castigam os costumes, a «Lagrima», rindo, esforçar-se-ha por castigar tantos, quantos possa, mas nunca ser instrumento de sopeiras, primos despeitados, e de *tuti quanti* queira fazer d'este jornal uma *Estátua de Pasquino*.

Quem se nos dirigir para este fim, perde o tempo e o feitiço. A «Lagrima», chorando, quer fazer rir e não ferir e não ser instrumento de quem queira offender este ou aquelle.

Fica isto dito para tranquillidade das sopeiras, aviso dos primos requestados e de todas as mais pessoas a quem tocar possa.

E temos dito.

NOTICIAS DIVERSAS

O sr. José Germano e João de Faria, de Casal de Nil, levantaram-se em 22 do corrente, sobresaltados, em trajes menores, gritando por socorro, julgando que lhes lançavam pedras sobre suas casas e respectivas vidraças. Averiguados de que eram confeitos, que se lançavam por satisfação, n'um casamento, que passava, fizeram reservatorio d'aquelle doce para suas famílias.

* Dizem as folhas estrangeiras que Lewingstone encontrou, a caminho de tres leguas de Barcellos, um povo junto á margem das «Aguas Celenas», que não respeitava os seus sacerdotes. Contam ellas que o grande explorador viu os indígenas insultar, na casa de Deus, o seu pastor, com palavras que a penna se recusa a escrever, dando saltos monumentaes e fazendo inomices como os macacos. Havendo, no meio da grande algazarra, uns homens superiores que acirravam os taes gentios.

Esse tal povo vive da pesca, em que abunda a lagosta, e faz hiatos com a bocca quando se lhe falla no comboio...

... e na comarca...

Os taes gentios dizem-nos que não podem ver os europeus...

O João Freitas, excellente moço desde os nossos tempos d'escola, sempre attentioso e por isso mesmo henquistado de todos, coração sensível a todas as desgraças, amante do progresso porque só usa navalhas cantadeiras e machina de cortar cabelos, podia ser apontado como prototypo dos rapazes barcelenses, se não fossem as suas inge-

nuidades, sempre prompto a acreditar quantas patranhas lhe mettam pelo furor de dar novidades novas aos seus muitos freguezes.

A «Provincia» de segunda feira de carnaval publicava um telegramma de Lisboa dizendo que o Gungunhana nas alturas do Cabo da Boa Esperança se lançára ao mar, fugindo, mas pela precipitação esqueceu-se de levar consigo a bussola, vindo ter a Santo Antonio do Valle da Piedade, defronte de Lisboa, em vez de voltar para Lourenço Marques. Ao principio, o Freitas não queria acreditar, mas a leitura do telegramma dissipou-lhe toda a duvida e em pouco tempo aos freguezes, amigos, conhecidos e desconhecidos dava a fatal nova. Nessa noite sonhou com a evasão do preto pintando-se-lhe com todas as cores o mergulho, o trabalho de fugir aos tubarões, os vagalhões enormes que o arrebatavam para d'ahi a pouco reaparecer, o cansaço, perda de forças, e talvez da vida. Quasi que teve dô do homem.

Era tal a ansiedade por noticias mais desenvolvidas que, logo de madrugada, foi para a estação esperar os jornaes. Comprou todos os que appareceram, e por mais que os lesse nenhum lhe fallava na fuga. Compreendeu então o logro e lembrou-se da epocha em que estavamos. Oh! Desespero! Oh! Raiva! nem parecia o Freitas dos outros dias.

E para cumulo, não teve mão em si, e contou a todos o que lhe succedeu, pelo habito de contar novidades novas.

O Bernardino do Zilo é um excellente homem, sobre isso não ha *opiniónes*. Activo, intelligente e dedicado, faz brindes em verso, e ultimamente construo, ou manda construir uma casa no largo da Camara. Não imaginem que é um edificio gothico, um monumento da Renascença, não senhores, é um predio singello e elegante.

Um cavalheiro respeitavel e muito nosso conhecido, fallando com o Zilo, em questão, observou-lhe que uma janella da casa deveria ter um designio especial, talvez para gozar d'ella a vista do Bom Jesus.

—Está enganado sr. dr., aquella «gologia», e inchava ao dizer isto, é destinada a dar luz para uma sala de ensaios muzicaes; fica ahí um «club policial».

—Olhe que o sr. Zilo tem boas ideias, redarguiu-lhe o dr. a sorrir.

—Não senhor, e corava de modestia. V. ex.^a lembra-se quando fiz uma festa a St.^o Antonio, e por causa d'umas bombas estive para ser preso? ¡Que scena aquellal... E o sr. dr. com a exm.^a esposa riam com boa vontade ao ver aquelle «divorcio»!..

Responsavel:—João G. da Silva